

G U S T A V O Á V I L A



1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2017



VERUS
EDITORA

Editora executiva

Raíssa Castro

Editor

Thiago Mlaker

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Lígia Alves

Revisão

Raquel de Sena Rodrigues Terzi

Capa e ilustração da capa

Rivadavia Coura

Projeto gráfico

André S. Tavares da Silva

Diagramação

Daiane Cristina Avelino Silva

ISBN: 978-85-7686-594-0

Copyright © Verus Editora, 2017

Direitos mundiais em língua portuguesa reservados por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

A972s

Ávila, Gustavo, 1983-

O sorriso da hiena / Gustavo Ávila. -- 1. ed. -- Campinas, SP :
Verus, 2017.
23 cm.

ISBN: 978-85-7686-594-0

1. Romance brasileiro. I. Título.

17-40983

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

A lágrima contornou a maçã do rosto, serpenteando pela bochecha que tremia com a respiração ofegante da criança, deixando um rastro úmido que desenhava seu caminho na pele jovem. Perdeu velocidade ao lado da fita adesiva cinza que tapava a boca e, como a ampola de uma seringa, encheu-se instantaneamente de uma tonalidade rosa, até pingar vermelha e explodir no chão feito uma lágrima santa.

Os olhos da criança gritavam, arregalados em um silêncio forçado, uma testemunha impotente diante do que via. Preso a uma cadeira, o garoto encarava o pai e a mãe sentados à sua frente, ambos com as mãos amarradas atrás das costas. A mulher olhava para o filho, enquanto o olhar do pai mirava, acima da cabeça do menino, o invasor em sua casa.

A criança olhou para baixo, acompanhando o movimento da sombra que se projetava atrás de si e se dilatava no chão enquanto se movia lentamente em direção aos pais. Agora, além do choro abafado pelas mordanças, o som repetitivo de um alicate de metal ganhava volume, abrindo e fechando, abrindo e fechando, irritante feito uma torneira pingando na pia de alumínio.

Um homem de estatura mediana, vestindo uma grossa jaqueta preta, passou ao lado da criança. O contorno das costas largas descia em linha reta, e o desenho da silhueta continuava pela calça até alcançar uma bota de couro desgastada. Os braços pendiam sem balanço, firmes e arqueados, carregando em uma das mãos um alicate e na outra uma faca.

— Ninguém gosta de linguarudos — disse, com a voz rouca, enquanto passava a ponta da faca no rosto amordaçado do pai, fazendo a pressão da lâmina desenhar um fio rosado em sua pele.

O invasor deu a volta e curvou o corpo para a frente, posicionando o rosto entre o casal. Colocou o braço esquerdo sobre o ombro do homem, o direito sobre o da mulher, e falou com o pai da criança enquanto olhava em direção ao menino.

— Você sabe como é tentar educar. Primeiro a gente avisa, fala que não pode fazer tal coisa, tira um brinquedo. Você é pai, sabe como é. E sabe que às vezes a gente precisa ser um pouco mais duro pra ensinar a se comportar direito. — O invasor levantou a voz. — Espero que o seu filho saiba se comportar melhor do que você quando crescer.

Com uma das mãos, segurou o encosto da cadeira onde o pai estava sentado e o puxou com violência para trás, fazendo o homem cair e bater a cabeça, que quicou no chão. O invasor passou uma das pernas sobre o corpo deitado do homem e forçou seu tórax com um dos joelhos, de costas para a criança. O menino não conseguia enxergar o que acontecia. Só escutou a fita adesiva sendo arrancada bruscamente da boca do pai, para logo em seguida ouvir um som engasgado, relutante, como se algo estivesse preso na garganta.

Com as pernas amarradas na cadeira, o homem imobilizado forçava a madeira do móvel. Os pés apontavam para cima, os músculos enrijecidos pela dor, quando um grito preencheu o ambiente e logo em seguida foi abafado pela fita adesiva.

O invasor ergueu novamente a cadeira, e a cabeça do pai cambaleou para a frente, os olhos voltados para o chão, enquanto o choro antes sereno da mãe ganhava o volume do desespero ao ver o marido engasgando com o próprio sangue acumulado na boca. De pé, o invasor olhava para a língua cortada, presa no alicate.

Caminhou em direção ao garoto, passou por trás de sua cadeira e se abaixou, remexendo o interior de uma bolsa preta. Os grunhidos do pai ficavam cada vez mais fracos, distantes.

O homem voltou rosqueando um cano na ponta de uma arma. Levantou a cabeça do pai pelos cabelos e viu o sangue escapar pelas narinas, des-

cendo pelo queixo até o pescoço. Ao soltá-la, deixou-a cair novamente, quase sem vida. Apontou a arma para a cabeça da mãe. A criança se debatia de forma enfurecida na cadeira. A mulher encarou o filho, tentando fazê-lo se acalmar, aquele olhar materno com efeito sedativo, tranquilizador, quase como um abraço. Piscou com força para fazer cessar as lágrimas, como quem tenta dizer que vai ficar tudo bem, que vai acabar logo.

E foi assim que os olhos de sua mãe, que sempre conseguiram dizer tudo sem precisar de uma palavra sequer, silenciaram para sempre ao som de uma arma de brinquedo.



VINTE E QUATRO ANOS DEPOIS

Eram quase onze da noite, mas as ruas daquela região do bairro nunca deixavam de fazer barulho, nem mesmo quando a madrugada espreitava o relógio. As pessoas que voltavam do trabalho caminhavam atentas a todos os movimentos e sons. A maioria delas não se sentia ameaçada, desdenhava da realidade do local, mas já não tinha a preocupação de quem se incomoda com os rumos do mundo.

Com todos os estabelecimentos familiares fechados, a única porta aberta era a do bar, onde homens, e algumas mulheres, bebiam, jogavam baralho e sinuca ou perdiam o pouco dinheiro que tinham nas máquinas caça-níqueis, permitidas graças aos pagamentos mensais feitos a policiais corruptos.

A trilha da noite era uma mistura de sons. O tema da discussão, como de costume, era o futebol: de um lado, o argumento era a tabela do campeonato; do outro, o histórico das vitórias e derrotas. Um brigava pelo presente, outro pelo passado, e a conversa era sempre a mesma.

Grupos de jovens perambulavam próximo ao bar, e os que não tinham dinheiro para comprar sua própria bebida se serviam das garrafas dos pais ou tios que dividiam as mesas do estabelecimento. Depois se afastavam

dos adultos e se reuniam na frente de alguma casa mal iluminada para namorar, dividir os goles e o baseado, que passava de uma mão para outra.

De arquitetura simples, o bairro era formado por casas que pareciam estar sempre em reforma ou pequenos prédios de quatro ou cinco andares com lojas ou escritórios no térreo.

Perto dali havia uma região conhecida pelos pontos de prostituição. As esquinas eram disputadas por mulheres e travestis que aplicavam, de forma exemplar, os conceitos de economia e marketing ao seu visual. Cada grupo comandava algumas ruas, e qualquer invasão de território significava confusão na certa.

Carros de todos os tipos passavam por ali. Muitos só para provocar os travestis, outros em busca de diversão barata que não colocasse em risco o orçamento familiar.

Era fácil saber quem eram os mais jovens, que aproveitavam a movimentação noturna e a ausência de autoridades para repassar drogas baratas e pegar sua fatia do bolo do sistema. Traficantes de pequeno porte que entravam e saíam da cadeia no mesmo intervalo de tempo em que as crianças iniciam e terminam as férias escolares. Havia também aqueles que deixavam o precoce mundo do crime, e nesses casos quase sempre tinham o mesmo destino: entravam para alguma igreja ou morriam pelas mãos de policiais ou em disputas com outros bandidos.

A violência era comum nas ruas e também dentro das casas. Era rotina escutar gritos e brigas domésticas. Por medo ou, na grande maioria das vezes, descaso, ninguém se metia. O cenário perfeito para alguém cometer um crime sem ser incomodado pelos vizinhos.

Pedro estava do lado de fora do bar com um copo de cerveja na mão. Já estava bêbado e trocava insultos exaltados com outro homem. Antes que o bate-boca virasse briga, o dono do bar interveio e mandou Pedro ir para casa. Depois de alguns minutos de filho da puta pra cá e filho da puta pra lá, ele resolveu se retirar do local, se esforçando para deixar claro que era por vontade própria. Já tinha mesmo perdido todo o seu dinheiro na máquina caça-níqueis.

Serviu-se com o que havia sobrado da garrafa, virando o líquido gelado na garganta de jiboia, e bateu o copo na mesa de plástico como se tivesse alguma autoridade.

Sua casa ficava a três ruas do estabelecimento. Desorientado pelo efeito da bebida, Pedro saiu cambaleando pela calçada, atirando ofensas contra um grupo de jovens que riam sem parar. Ainda lançou uma cantada para uma prostituta agigantada em seu calçado plataforma, mas desistiu da investida depois de ser esnobado.

Ao chegar à esquina de sua rua, deteve-se por alguns instantes, fazendo força para permanecer em pé, o corpo balançando lentamente no ar. Olhou confuso para a escuridão que se estendia pelo caminho, todos os postes com as luzes apagadas. O único aceso estava justamente sobre ele, o que trazia certa desolação à cena. Atirar pedras nas lâmpadas da iluminação pública era um passatempo comum entre as crianças do bairro, mas hoje o céu nublado era um obstáculo para a claridade da lua, tornando ainda mais sombria a rua de paralelepípedos.

À medida que caminhava, a escuridão ganhava tons mais negros, como se Pedro estivesse penetrando em uma caverna. Na verdade, a falta de luz não fazia muita diferença. Em seu estado, seria difícil não tropeçar na calçada esburacada e cheia de desníveis.

O corpo já estava tomado pelo cansaço da bebida, e a noite, que não tinha nada de refrescante, fazia o suor descer pelo rosto, mais envelhecido pelo descuido que pelo passar dos anos. Sóbrio, chegaria ao portão de casa em menos de três minutos. Naquela noite, ele levou mais de oito para percorrer a rua. Andava, cambaleava, parava, resmungava ofensas, tomava ar, andava, olhava para trás, para a frente, andava.

Pedro cravou os pés no chão quando chegou em frente a seu portão, e nem reparou na Saveiro preta estacionada perto da garagem. Com tudo apagado, era ainda mais difícil acertar a chave no cadeado que prendia a corrente grossa.

— Ma... rília! — Tomou fôlego e tentou encaixar a chave mais uma vez. — Marília! — Mais uma tentativa. — Acen...de a... porra da luz. — Bateu com força no portão, fazendo ecoar o som do metal.

A casa continuava em silêncio, aumentando a irritação de Pedro. As cortinas estavam fechadas quando uma sombra passou silenciosa atrás delas.

— Marília! Eu sei que você tá acordada... Vem abrir a porra do... portão.

O silêncio continuou. Só depois de algumas tentativas Pedro conseguiu destrancar o cadeado, entrando sem fechar o portão. Agora só faltava a porta da sala. Nenhum esforço foi necessário. Ela já estava aberta.

Quando entrou no cômodo escuro, não conseguiu entender o que estava à sua frente. A escassa luz que escapava pela porta contornava dois vultos sentados no meio da sala, um de frente para o outro, separados por uns dois metros de distância.

Pedro se escorava na maçaneta da porta, ainda cambaleando. Com os sentidos anestesiados, não percebia que atrás dele uma sombra pairava silenciosa como um fantasma, muito próxima a seu corpo, esperando com frieza e paciência. Quando apertou o interruptor, a luz revelou seu filho de oito anos em uma das cadeiras e sua mulher na outra. Ambos amarrados com os braços nas costas e amordaçados com uma fita adesiva cinza. A criança tinha os olhos abertos, grandes, brilhantes, e os rastros do choro ainda marcavam seu rosto.

— Marília? — falou baixo.

Um golpe forte desceu cortando o ar até parar com um estalo em sua nuca. Sua visão ficou negra, os joelhos cederam, o corpo se inclinou para a frente e ele tombou.



Ainda de olhos fechados, ouvia o som baixo de palavras sem sentido, distantes, como ecos de uma conversa. O som aumentava gradualmente à medida que ele despertava. Não conseguia distinguir nenhum sentido, apenas ruídos abafados misturados com choro. Os olhos foram se abrindo aos poucos, trêmulos, e através da visão embaçada conseguiu ver suas próprias pernas com gotas de sangue na calça jeans velha. A cabeça pesava, e, ao tentar levantá-la, sentiu uma pontada na nuca que o obrigou a baixar as pálpebras novamente.

O sangue escorria da ferida aberta pelo golpe, empapava o cabelo grosso e malcuidado, descia por trás do pescoço e ao redor da orelha até o queixo, coberto por uma barba rala e grisalha. Quando finalmente conseguiu erguer a cabeça, deu de cara com seu filho, a visão ainda turva se esforçando para focar a imagem. Foram alguns segundos até que os olhos pudessem

enxergar Marcelo amarrado bem à sua frente, o olhar petrificado de terror. Pedro tentou falar seu nome, e só nesse instante se deu conta de que também estava amordaçado. Olhou para o lado, de onde vinha um choro manso, e viu Marília amarrada à sua direita, em outra cadeira.

Foi quando sentiu a presença de mais uma pessoa. Girou a cabeça devagar para a esquerda, seguindo o assoalho sem tapete. Viu um par de botas de couro marrom e, subindo com os olhos, foi montando a imagem do invasor: pernas que vestiam uma calça escura, as duas mãos espalmadas sobre as coxas, os braços revestidos por uma jaqueta preta; no topo do corpo, o rosto coberto por uma máscara de cartolina, presa por um fino elástico que rodeava sua cabeça.

A máscara tinha a imagem de um desenho que lembrava um retrato falado da polícia. Um rosto masculino. Era preta e branca como uma cópia xerox, e através dos pequenos furos nos olhos era possível ver as esferas castanhas que o encaravam. Frias. Inquestionáveis. E decididas.

Pedro abaixou a cabeça novamente, motivado pela dor e pelos pensamentos desordenados. Tentava descobrir o motivo daquilo: alguma das discussões que protagonizara no bar? Algum marido traído? Um viciado atrás de dinheiro? O professor do seu filho, que ameaçou entregá-lo à polícia se o garoto aparecesse machucado novamente?

Em um impulso violento, tentou se livrar das amarras, fazendo os pés da cadeira socarem o chão repetidas vezes. Quando forçava os braços para se libertar, esfolava a pele fina dos pulsos, presos por uma tira de nylon dentada. Impossível estourá-la sem o auxílio de alguma ferramenta afiada. Suas pernas também estavam amarradas à cadeira, e ele se debatia com a coragem que nasce nos covardes quando encurralados.

Esbravejava em vão, a mordaça transformando as palavras em grunhidos. Só quando a energia explosiva do medo passou é que se acalmou. Os músculos relaxaram. Pedro olhou novamente para o filho. Um olhar cansado, de impotência e culpa.

Uma bolsa preta no chão, logo atrás da cadeira de Marcelo, despertou sua atenção. O menino se virou para o invasor mascarado, que se levantou sem pressa e foi em direção a ela. O homem se deteve em pé por alguns instantes ao lado dele, que ergueu a cabeça com um olhar de questiona-

mento inocente. Através da máscara, os olhos tentavam disfarçar a lembrança do passado.

O invasor abaixou-se e remexeu o interior da bolsa, fazendo soar um barulho de ferramentas. Quando se levantou, ainda de costas, o som do metal de um alicate abrindo e fechando silenciou a sala, exceto o choro baixo da mãe.

Tic... tic... tic... tic...

— Ninguém gosta de linguarudos.

Deu as costas para a criança e foi andando em direção ao casal, segurando em uma das mãos o alicate e na outra uma faca. Passou a lâmina sobre o rosto de Pedro e se posicionou atrás do homem e da mulher, colocando a cabeça entre os dois.

— Você sabe como é tentar educar. Primeiro a gente avisa, fala que não pode fazer tal coisa...

Pedro se virou para trás e tentou esboçar um argumento.

— Shhhh. — O invasor forçava o rosto do pai com a ponta da faca. — Continue olhando para o seu filho. Continue olhando para o seu filho. — Fez uma pausa. — Você tira um brinquedo. Você é pai, sabe como é. E sabe que às vezes a gente precisa ser um pouco mais duro e ensinar a se comportar direito. — Levantou a voz. — Espero que o seu filho saiba se comportar melhor do que você quando crescer.

Um instante depois, Pedro estava com as costas no chão e o invasor mascarado se ajoelhava sobre seu peito, forçando o alicate dentro de sua boca. Pedro virava a cabeça para um lado, depois para o outro, os olhos abertos, esbugalhados, mas não conseguiu resistir por muito tempo. Depois de alguma dificuldade, o alicate ultrapassou a barreira dos dentes cerrados, grampeou a carne flácida e a lâmina afiada da faca deu conta do resto. Sua língua havia sido arrancada.

Através da máscara, o invasor olhava para o pedaço de carne vermelha preso na mandíbula de metal da ferramenta. Estava tão anestesiado observando a língua cortada que se esqueceu de tapar novamente a boca de Pedro, mas os gritos fizeram o homem despertar atrás da máscara, recolocando a fita e erguendo a cadeira de volta à posição original. Pedro, com a boca tapada, engasgava com o próprio sangue, fazendo o líquido vermelho escapar pelas narinas.

Curioso com a cena daquele ponto de vista, o invasor se sentou no chão ao lado de Marcelo e ficou observando. Era impossível distinguir o motivo do brilho nos olhos atrás da máscara. Havia, ao mesmo tempo, algo de vivo e de morto em seu jeito de olhar. Ainda segurava o alicate, e as gotas de sangue que escorriam da língua explodiam ao tocar o chão.

Pedro sofria espasmos lentos, o corpo amolecendo e as forças nos músculos relaxando. Com o fim do espetáculo, o invasor se levantou e foi até a bolsa preta. Quando girou o corpo, uma gota de sangue da língua cortada voou em direção ao rosto da criança.

Deixou o pedaço de carne ali mesmo, no chão da sala, guardou o alicate em um saco plástico e foi ao encontro da mãe, rosqueando o silenciador na ponta de uma arma. A mulher fechou os olhos e, com a cabeça contraída para trás, suplicava sem conseguir emitir nenhuma palavra.

— Olhe para o garoto. — A voz saía abafada pela máscara de cartolina.

A mulher não obedeceu.

— Olhe para o garoto. Olhe para o garoto. Olhe para o garoto!

Lentamente, Marília virou a cabeça para o filho, que agora se debatia na cadeira, prevendo o que estava para acontecer com a mãe.

— Olhe para ele como se fosse ficar tudo bem. Como se tudo fosse acabar logo. Como se ele fosse acordar amanhã, correr para a cozinha e ver você preparando o café, feliz, enquanto o pai está terminando de se arrumar.

Tuf.

O som seco do disparo zuniu ligeiro pela sala. O invasor ainda estava com a arma no ar quando virou o rosto na direção de Marcelo. Descansou o braço e caminhou até o garoto, que se contraía para trás a cada passo que o assassino dava.

O menino fechou os olhos e sentiu o homem se aproximando, o som da respiração sob a máscara cada vez mais perto. Quando abriu os olhos, deu de cara com ela. Encarou o desenho no papel e sentiu o polegar do assassino limpar a gota de sangue que havia espirrado em seu rosto.

O invasor deixou a casa pelo portão da frente, carregando o corpo de Marília enrolado em um saco plástico preto, e o depositou na caçamba da

Saveiro, que também estava forrada. Retornou para dentro da casa e voltou levando o corpo de Pedro, que colocou ao lado da mulher. Puxou a capota de lona do veículo e, antes de ir embora, retornou mais uma vez para dentro. Foi até o quarto do garoto, abriu algumas gavetas e voltou para a sala, onde Marcelo permanecia amarrado. Desdobrou o moletom que tinha pegado no quarto do menino e colocou sobre seus ombros e a cadeira. Saiu, fechou o portão, enrolou novamente a corrente e a trancou com o cadeado.

Eram duas e treze da manhã, e o bairro ainda estava agitado. A rua escura era perfeita para fugir sem pressa, sem medo de ser visto ou, mesmo que fosse, sem a preocupação de ter o rosto reconhecido. Tirou a máscara apenas quando entrou no carro e saiu sem fazer barulho. Deixou a criança amarrada tendo como paisagem as duas cadeiras vazias à sua frente e as poças de sangue de seus pais no assoalho.

A Saveiro rodava com tranquilidade pelas ruas, evitando as vias mais movimentadas e que apresentavam maior probabilidade de uma blitz da polícia. Sempre que passava sob um poste, o rosto do motorista era iluminado e depois caía na penumbra novamente, até passar embaixo de outro. Seus olhos eram como a abertura de um poço onde não se conseguia enxergar a água perdida na escuridão. A única sensação boa vinha do vento que entrava pelas janelas abertas do carro.

Respeitava todas as sinalizações de trânsito — parava nos sinais ainda amarelos, acelerava somente até o limite permitido —, para evitar chamar atenção.

De repente, a tranquilidade foi quebrada pelo som de uma sirene que vinha atrás dele, ganhando volume em alta velocidade. Olhou pelo retrovisor e viu as luzes vermelhas e azuis dançando nervosas, ainda distantes. O motorista do carro à direita olhou para a Saveiro e foi se distanciando para o outro lado da pista. Pelo retrovisor, o assassino viu que o trânsito se abria à sua traseira. Agora era possível enxergar a viatura que preenchia o ar com o som alto e intimidador. Estava com pressa e se aproximava rapidamente. Vinte metros, quinze, oito. De tão próxima, as luzes da sirene conseguiam iluminar a Saveiro por dentro. Cinco metros de distância, quatro, três, dois, uma buzina alta soou atrás da picape e ele jogou o carro para a esquerda, deixando os bombeiros passarem em alta velocidade.

O veículo ao lado voltou a se aproximar e acelerou para passar o sinal antes que ele fechasse. O assassino então parou o automóvel e olhou para o banco do carona, onde a máscara de cartolina o encarava com olhos vazios.

Quase cinquenta minutos depois, a picape parou em frente a um portão feito de chapa de ferro, ao lado de um muro tão alto que preservava totalmente a privacidade de seu interior. Com um toque no controle remoto, o portão deslizou quase silenciosamente e muito rápido.

À sua frente surgiu uma casa simples, com uma área externa espaçosa. O carro deu a volta no quintal até a parte de trás da residência, iluminando com seus faróis um bonito jardim de rosas brancas e vermelhas. Nos fundos da casa havia uma grande porta de metal, como se fosse uma garagem. Com outro apertado do botão, a porta se abriu e o assassino entrou com o veículo, fechando-se lá dentro com os corpos de Pedro e Marília.